ISSN: 2358-8829

A CULTURA POPULAR COMO RECURSO ALFABETIZADOR – DESENVOLVENDO A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA ATRAVÉS DE PARLENDAS, VIVÊNCIAS DO PIBID/CED/UECE

Giselle Rocha de Sousa [1]
Vitória Alice de Oliveira Santana [2]
Venythyais Costa de Oliveira [3]
Tânia Serra Azul Machado Bezerra [4]

INTRODUÇÃO

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), na transição entre a etapa do ensino infantil para o ensino fundamental surge a necessidade de uma mediação ainda mais minuciosa, no que se refere ao corpo docente e aos demais membros que compõem a comunidade escolar, para que haja equilíbrio entre as mudanças que virão a ser incorporadas no cotidiano das crianças, assegurando uma aprendizagem integrada e contínua, que respeite e valorize a individualidade e as especificidades de cada criança.

Pensando nisso, faz-se necessário refletir sobre como tornar as práticas pedagógicas cada vez mais intencionais e sempre contextualizadas de acordo com a realidade socioeconômica e cultural na qual as crianças estão inseridas, a fim de proporcionar uma aprendizagem verdadeiramente significativa, sem nunca prescindir do aprimoramento constante da práxis, planejando e executando mediações que ofereçam como possibilidade um processo de construção do saber dinâmico e que busquem fomentar a participação ativa das crianças.

O presente artigo nasce como instrumento de reflexão e diálogo entre diferentes tipos de estratégias para o desenvolvimento da consciência fonológica durante o ciclo

[1]Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, giselle.rocha@aluno.uece.br;
[2]Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, vitoriaalic.oliveira@aluno.uece.br;
[3]Professora da Rede Municipal de Fortaleza/CE , Especialista em Alfabetização pela Universidade Estadual do Ceará - UECE venythyais.costa@educacao.fortaleza.ce.gov.br;
[4] Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC, Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará – UECE, tania.azul@uece.br ;

alfabetizador, mais especificamente no 1º ano do ensino fundamental, incorporando também a essas práticas, elementos da cultura popular, seguindo a perspectiva dos multiletramentos (ROJO, 2012), que dá destaque principalmente a duas formas de multiplicidade, a cultural das populações e a semiótica, que refere-se a como as diferentes linguagens constroem sentidos na comunicação e nas relações interpessoais onde se manifestam tais culturas.

As observações e mediações foram desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) por bolsistas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, em uma escola localizada na regional IV da cidade de Fortaleza-CE, e se deram no decorrer do primeiro semestre do ano de 2026, como parte de um projeto estruturado pelos(as) bolsistas do núcleo de alfabetização que estão alocados(as) na escola, que possuía como objetivo principal a estruturação e mediação de práticas de leitura, escrita e letramento através do uso de elementos da cultura popular regional, como cantigas, cirandas e parlendas.

METODOLOGIA

O presente trabalho assumiu uma abordagem qualitativa, configurando-se como uma revisão de literatura de caráter formativo e uma pesquisa-ação, que tem como alicerce de seus referenciais teóricos as obras de Artur Gomes de Morais, Magda Becker Soares e Roxane Helena Rodrigues Rojo. O estudo apresenta intertextualidade com o relato de experiência em grupo (Mussi et al., 2021) acerca de vivências de mediação e planejamento desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – Núcleo de Alfabetização do Centro de Educação (CED) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Nos caminhos metodológicos percorridos pela pesquisa a mesma inscreve-se em uma perspectiva que estabelece os sujeitos investigados como agentes ativos dos processos de reflexão e construção dos saberes. O posicionamento adotado possibilita a descrição e a análise das percepções de futuros docentes sobre a prática em sala de aula, mantendo sempre um ênfase em estratégias pedagógicas voltadas para o desenvolvimento da consciência fonológica no ciclo alfabetizador.

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa ancorou-se nos aportes teóricos de Morais (2019), Rojo (2012) e Soares (2023) para dialogar com as técnicas que foram incorporadas ao cotidiano escolar da turma onde foram realizadas as mediações e intervenções.

A habilidade de tratar a linguagem falada como um objeto de análise, permitindo que as crianças reflitam conscientemente acerca dos segmentos sonoros que compõem as palavras (como fonemas, sílabas e rimas), é definida como "capacidade metalinguística". Morais (2019) enfatiza que na fala cotidiana as palavras fluem de forma contínua, que as pessoas não pronunciam fonemas isolados, logo, a percepção dos sons segmentados não é completamente orgânica, mas sim uma construção cognitiva estimulada pelo contato com um sistema de escrita alfabética.

Relacionando com a teoria da psicogênese da escrita (FERREIRO, 1985), partimos da perspectiva defendida por Morais (2019), onde acreditamos em uma relação de causalidade recíproca, em que algumas habilidades, como a consciência silábica, auxiliam a criança a avançar em suas hipóteses de escrita, como por exemplo da fase pré-silábica para a fase silábica, por outro lado, o próprio exercício realizado pelas crianças de tentar escrever e compreender as letras, como nas hipóteses silábico-alfabética e alfabética, também impulsionam o desenvolvimento de habilidades fonológicas mais bem-lapidadas, como a consciência fonêmica.

Dialogamos também com o conceito de "Alfaletramento", idealizado inicialmente por Soares (2020), trazendo ideias e práticas que sejam coerentes com um ensino contextualizado, que busque alfabetizar letrando, em outras palavras, ensinar às crianças os processos para a assimilação e decodificação da língua escrita, ao mesmo tempo em que elas participem de práticas reais de leitura e produção de texto, com temáticas e gêneros que fazem parte do contexto socioeconômico e cultural do local onde vivem, usando gêneros textuais reais, como por exemplo: uma receita culinária para fazer um brigadeiro, bilhetes ou cartões para as famílias ou colegas de classe, listas de combinados entre a turma e a professora, cantigas e parlendas de brincadeiras populares regionais. Tudo isso de forma que a criança entenda para que serve o texto ou como utilizá-lo (para informar, convidar, registrar ou brincar, entre outras finalidades) e também quem irá ler aquele texto. Ensinando a língua escrita a partir de sua função social, e não apenas como mera decodificação mecânica de letras e sílabas.

ISSN: 2358-8829

E por fim, as autoras articularam suas reflexões com as contribuições de Rojo (2012) acerca da necessidade de abordar as diversidades culturais e os diferentes tipos de linguagens existentes, abrindo espaço para o plurilinguismo no ambiente escolar por meio do planejamento e da execução de novas práticas pedagógicas baseadas nesses conceitos. Dando destaque e contextualizando que os principais alicerces dessa abordagem no contexto da sociedade contemporânea em que vivemos são a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica, entendida como a combinação de diferentes modos semióticos (como palavras, imagens, sons, cores, entre outros) em uma única forma de comunicação ou texto, que são elementos fundamentais para a constituição dos textos que circulam tanto dentro de uma sociedade específica, quanto para além dela.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira regência deu-se início com a cantiga popular intitulada “Peixe Vivo”, por meio da qual se trabalhou a letra: “Como pode um peixe vivo viver fora da água fria?”. Inicialmente, foram explicados às crianças os conceitos de versos e estrofes, utilizando a própria cantiga como exemplo. Em seguida, promoveu-se uma reflexão a partir do questionamento presente na letra “como um peixe pode viver fora d’água fria?”, explicando-se que o peixe necessita da água para sobreviver e que, mesmo adormecido, ele precisa nadar para manter-se vivo, ponto este, destacado pela supervisora Venythyais, e que ajudou a enriquecer a discussão.

Figura 1 – Mediação da regência da cantiga “Peixe-vivo”.



Fonte: Acervo Núcleo de Alfabetização PIBID/CED/UECE (2026).

ISSN: 2358-8829

Durante o desenvolvimento, as crianças puderam realizar a leitura coletiva da cantiga, acompanhando a escrita na lousa. Todos os versos foram lidos em conjunto, reservando-se um momento para que os alunos ouvissem a melodia e batessem palmas acompanhando o ritmo da música. Na sequência, foram convidadas a escrever quatro versos da cantiga em uma folha de papel, registrando também o próprio nome. Posteriormente, realizou-se uma atividade de pintura: cada criança pintou um peixe confeccionado com discos de isopor utilizando tinta guache. Observou-se grande entusiasmo durante essa produção artística, demonstrando o engajamento ativo da turma com a proposta.

Figura 2 – Mediação da regência da cantiga "Peixe-vivo".



Fonte: Acervo Núcleo de Alfabetização PIBID/CED/UECE (2026).

A partir dessa regência, foi possível compreendermos a relevância de retomar conceitos como versos e estrofes de maneira lúdica e significativa. O uso da cantiga "Peixe Vivo" mostrou-se uma ferramenta eficaz para o aprendizado das letras e sílabas, uma vez que a musicalidade e o ritmo facilitam a assimilação dos conteúdos linguísticos pelas crianças. Além disso, a associação entre a atividade de escrita e a produção artística (pintura do peixe) permitiu que articulássemos diferentes linguagens: verbal, musical e visual, favorecendo o desenvolvimento integral dos indivíduos.

Outro aprendizado importante foi perceber o papel da mediação do professor no processo de escrita. Durante a atividade, as crianças necessitaram de apoio para

identificar letras e sílabas ao registrar a cantiga no papel. Como bolsistas, pudemos auxiliá-las nesses processos, compreendendo na prática a importância de uma intervenção cuidadosa e respeitosa, que valorize o ritmo de cada indivíduo. Essa experiência evidenciou que a escrita não é um ato mecânico, mas sim um processo construído com auxílio e estímulo adequados. A cantiga "Peixe Vivo", por exemplo, vai além do entretenimento: ela provoca questionamentos sobre a natureza, estimula a curiosidade científica (por que o peixe precisa da água?) e oferece ricos elementos para o ensino da língua portuguesa.

A segunda regência realizada pelas autoras, se encontra inserida no gênero textual parlenda, que foi um dos principais pilares dos projetos e regências desenvolvidas e executadas pelos bolsistas do núcleo de alfabetização da escola onde transcorreram-se as vivências citadas no presente artigo, durante os semestres de 2026.1 e 2026.2, a parlenda trabalhada foi a de título "Galinha Choca", com o intuito de focar no desenvolvimento da consciência fonológica, especialmente da consciência silábica de cada uma das crianças da turma, além de buscar também favorecer momentos de interação, escuta e partilha entre as crianças.

Figura 3 – Atividade referente a parlenda "Galinha Choca".



Fonte: Acervo Núcleo de Alfabetização PIBID/CED/UECE (2026).

Assim como mostrado pela figura 3, iniciamos a regência com todas as crianças e bolsistas sentadas no chão, formando uma roda de conversa, onde acessamos os conhecimentos prévios da turma acerca do que eram parlendas, de quais são as unidades que compõem às palavras (letras, sílabas, fonemas) e como identificá-las através de seus

sons, nos aprofundamos no conceito de rimas e em orientações sobre como reconhecê-las. Ao longo da atividade, também exploramos aspectos relacionados ao convívio e à valorização das experiências das crianças, através de uma conversa guiada com perguntas como: "Vocês sabem o que quer dizer galinha choca?" e "Quem já viu uma galinha chocando seus ovos?", para que as crianças compartilhassem vivências pessoais, contribuindo assim para a construção coletiva do conhecimento e fortalecendo a participação do grupo. Após a socialização desses conhecimentos, seguimos para a leitura apontada coletiva da parlenda, que foi colada em dois cartazes na parede da sala, um contendo o texto completo e outro com o texto faltando algumas palavras, para que as crianças pudessem descobrir quais eram essas palavras e completar o cartaz com as mesmas.

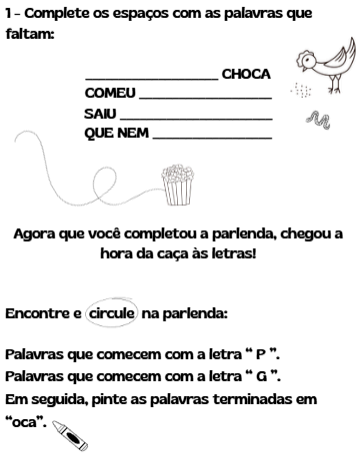
Dando seguimento à regência, as crianças foram guiadas de volta às suas mesas, para a resolução conjunta de uma atividade prática escrita individual, onde era requerido que completassem a parlenda, preenchendo as palavras que estavam faltando (GALINHA, MINHOCA, PULANDO e PIPOCA). Após a conclusão, foram orientados a seguir alguns comandos relacionados à percepção das palavras e letras:

Circular as palavras que começavam com a letra "P";

Circular as palavras que começavam com a letra "G";

Pintar as palavras que terminavam com "OCA".

Figura 4 – Atividade referente a parlenda "Galinha Choca".



Fonte: Giselle Rocha de Sousa (2026).

Essas atividades possibilitaram o trabalho com aspectos iniciais da alfabetização, como o reconhecimento das letras, a percepção sonora e a observação de regularidades na escrita. Ao executar uma mediação em que os conhecimentos prévios das crianças pudessem ser valorizados e deixando-as livres para escrever durante as atividades de forma espontânea ao invés de limitá-las exclusivamente a cópias ou repetições de respostas "corretas", percebe-se que a compreensão da criança, embora muitas vezes de forma ainda pouco consciente, demonstra um relevante esforço cognitivo para processar, estruturar e dar sentido às produções escritas ao seu redor (MORAIS, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultados de nossa pesquisa, observamos que as mediações propiciaram uma evolução nítida nas crianças acerca da percepção dos sons e da compreensão de como eles se relacionam com a língua escrita, o que contribui, simultâneamente, para o desenvolvimento e aprimoramento da consciência fonológica de forma ativa e intencional, permitindo um processo de assimilação de conhecimentos menos maçante, e muito mais flexível e inclusivo para com a turma e seus diferentes processos de aprendizagem individuais. Ao fim das atividades foi possível perceber uma ampliação do vocabulário da turma, o fortalecimento da escuta ativa e um aumento significativo na participação oral, inclusive daquelas crianças que antes se mostravam mais tímidas.

Com isso, conclui-se que a exploração sistemática de cantigas e parlendas da cultura popular e o planejamento de atividades que baseiam-se nessas análises, é uma estratégia eficaz para os ciclos alfabetizadores, que gera um ambiente de aprendizagem dinâmico, estimulando o interesse e a participação ativa das crianças. As experiências discutidas na presente pesquisa também serviram para consolidar a percepção das autoras de que a docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental exige criatividade, sensibilidade e capacidade de articular diferentes áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Consciência fonológica, Multiletramentos, Cultura popular, Alfabetização, PIBID.

AGRADECIMENTOS

As autoras gostariam de dedicar seus agradecimentos ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, à CAPES, ao Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará e ao Núcleo de Alfabetização do PIBID/CED/UECE, pelas inúmeras oportunidades de desenvolvimento profissional e pessoal, incluindo esta.

Agradecemos também, a nossa Professora Supervisora Venythyais Costa e a coordenadora de núcleo Profª Dra. Tânia Serra Azul, por todo o suporte e encorajamento no decorrer de nossas trajetórias acadêmicas, e aos demais bolsistas que compõem o núcleo de alfabetização e estão ou já estiveram alocados em nossa escola durante o ano de 2026, Marcelo, Veida, Jailson, Wesley, Erick, Isadora, Cecília, Rose e Raíres, que avivam todos os momentos de planejamento e de regências vivenciados por nós no contexto do PIBID, e por fim, à turma do 1º ano B com a qual construímos e executamos nossas regências, que cada um(a) deles(as) possa crescer sempre acreditando que na potência que são.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 06 out. 2026.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas (Artmed), 1985.

MORAIS, Artur Gomes de. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. **Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico.** Práxis Educacional, Vitória da Conquista , v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021 . Disponível em https://www.researchgate.net/publication/355133369_Pressupostos_para_a_elaboracao_de_relato_de_experiencia_como_conhecimento_cientifico acesso em 06 de Outubro de 2026. DOI:10.22481/praxisedu.v17i48.9010

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Multiletramento na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ISSN: 2358-8829

SOARES, Magda Becker. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever.** São Paulo: Contexto, 2020.